

cerâmica do museu RAFAEL BORDALO PINHEIRO - cronologia,

análise, elementos inéditos

MATILDE PESSOA DE FIGUEIREDO *

«Vale a pena ir às Caldas,... e saudar em Raphael Bordallo um dos génios creadores mais profundamente originaes do mundo contemporâneo.» Assim escrevia Fialho de Almeida em 1892 ⁽¹⁾, quando assistiu ao desabrochar do monumental na produção escultórico-decorativa rafaeline. Refiro-me à Talha Manuelina ⁽²⁾, de 2,30 metros de altura, que se encontrava então já modelada, obra extraordinária não só pelas suas dimensões, que desafiam a fragilidade do barro, como pela sua concepção e decoração, originalíssimas.

Bordalo, interessado profundamente pela cerâmica segundo penso desde, pelo menos, 1882 ⁽³⁾, tem no seu «curriculum» de ceramista, dez anos volvidos, a autoria de largas centenas de categorizadas peças: as mais diversas formas de louça artística (peças únicas ou em série), variados modelos de azulejos, desde 1888 a louça comum (por vezes com interessante «design» e decoração) e, desde 1886 ⁽⁴⁾, se não antes, peças escultóricas, de que destaco as grandes da Via Sacra, destinadas às Capelas do Buçaco ⁽⁵⁾, algumas dignas de um bom escultor. Também dentro da grande escultura de Bordalo e pouco anterior à mencionada talha, é o conjunto de inspiração manuelina do baldaquino e mísula com a estatueta do Infante D. Henrique ⁽⁶⁾, que Fialho igualmente descreve ⁽⁷⁾.

Após 1892, Rafael Bordalo vai trabalhar mais doze anos (morre em Janeiro de 1905, com 58 anos). Se a quantidade de peças cerâmicas que então vai produzir é muitíssimo menor, sobretudo devido a dificuldades financeiras graves da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha ⁽⁸⁾ e a serem repetidos os modelos anteriores, vamos assistir à execução de peças únicas extraordinárias, feitas por encomenda ou para serem oferecidas pelo autor a personalidades que quer obsequiar; encomendas

que, muitas vezes, procuram ajudar a fábrica a sobreviver e obséquios devidos a quem, muitas vezes, tal também faz, como é o caso do conselheiro Júlio de Vilhena.

Destas peças únicas é justíssimo destacar a Jarra Beethoven ⁽⁹⁾, hino do génio oleiro ao genial compositor, jarra lançada em harmonioso movimento «rocaille», até à altura de 2,30 metros, salpicada de belas figurinhas, feita por encomenda de José Relvas para a sua casa dos Patudos e, por aí não caber, substituída depois por outras. É também justíssimo destacar a peça oferecida a Júlio de Vilhena — o Perfumador Árabe ⁽¹⁰⁾, cuja designação provém do seu essencial tipo decorativo, mas onde, como acontece, aliás, na Talha Manuelina, surgem umas miniaturas das Capelas do Buçaco, numa aliança do profano ao sagrado.

Outras peças devo também destacar pela sua grande qualidade. Cinco encontram-se no Museu Rafael Bordalo Pinheiro: a jarra «rocaille» dedicada ao grande comerciante e benemérito Adriano Júlio Coelho ⁽¹¹⁾, o candeeiro de suspensão feito para a casa do editor e colaborador de Bordalo, Justino Roque Gameiro Guedes ⁽¹²⁾, a taça e o candelabro renascentista de José de Azevedo Castelo Branco, a armação de relógio feita para a casa comercial ⁽¹³⁾ do editor Gomes (muito mutilada, mas de que conheço a primitiva, por fotografia), todas com belas modelações humanas. Na excepcional colecção bordaliana particular de Alfredo Cabral ⁽¹⁴⁾, a grande jarra verde decorada com folhas de plátano e na Quinta do Beau Séjour ⁽¹⁵⁾, que era então do barão da Glória, senhorio de Bordalo, o candeeiro de suspensão da casa de jantar, interessante, mas artisticamente inferior ao de Justino Guedes. De muitas outras peças notáveis fui tendo conhecimento. Várias tenho já a certeza de que, infelizmente, se perderam. Algu-

mas é difícil localizar, até porque, por vezes, estão algures no estrangeiro. Mas acontece que outras, que consegui localizar, ainda não tive tempo para ir ver ⁽¹⁶⁾...

Numa conferência no Museu Nacional de Arte Antiga ⁽¹⁷⁾, em 1978, apresentei uma série de elementos inéditos e uma primeira panorâmica geral sobre a cerâmica bordaliana e, depois dessa data, tenho-me dedicado a analisá-la mais em pormenor, procurando conhecer a sua estrutura e processo evolutivo, tentando estabelecer a sua cronologia.

Para assentar a cronologia de mais de meio milhar destes modelos, o primeiro problema é muitas das peças nem sequer terem data e outras, nos vários exemplares que procurei conhecer noutras colecções, públicas e privadas, apresentarem datas diversíssimas, de acordo com o ano em que era feito o preenchimento da respectiva forma, sendo extremamente difícil saber quando apareceu o primeiro exemplar. Isto, é claro, para as peças que não são únicas e que constituem a esmagadora maioria. Para este trabalho, além de ter conseguido conhecer alguns milhares de

O gato,
mascote de Bordalo,
aparece
constantemente
— este, em cerca de 1894

